

# ISMAEL DE LIMA COUTINHO E SUA GRAMÁTICA HISTÓRICA

Ana Lourdes Cardoso Dias<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta breves considerações a respeito do humanista, filólogo e educador Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica procurando demonstrar relevância tanto do autor quanto de sua obra para os estudos linguísticos. Essa gramática é uma das pioneiras no Brasil a tratar da língua portuguesa numa perspectiva histórico-comparativa. Nela, o autor adota a doutrina dos neogramáticos para explicar as mudanças que ocorreram na língua portuguesa no decorrer dos tempos, desde o latim até a fase moderna. Observa-se que, apesar da posição anti-historicista que marcou a primeira metade do século XX, o autor manteve-se fiel a sua formação histórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ismael de Lima Coutinho. Gramática História; Língua Portuguesa; Neogramáticos.

**ABSTRACT:** *This paper presents a brief consideration about the humanist, philosopher and educator Ismael de Lima Coutinho and his Historical Grammar. It aims to substantiate the relevance of this author and his book for the development of linguistic studies. This grammar is one of the first ones in Brazil which deals with Portuguese in a comparative-historical perspective. In this title, the author adopts principles of neogrammarians to explain the changes that took place in Portuguese language over the years, since Latin to its modern phase. It is noticeable that, although the first half of the 20<sup>th</sup> century holds an anti-historical position, the author kept devoted to his historical education.*

**KEYWORDS:** Ismael de Lima Coutinho. *Historical Grammar. Portuguese Language. Neogrammarians.*

## Introdução

Este texto apresenta uma breve exposição a respeito do autor Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica, principalmente, no que se refere às leis fonéticas e aos metaplasmos. A intenção é mostrar a importância do autor e sua obra no contexto geral dos estudos da língua portuguesa, sobretudo, daqueles que tratam da mudança da língua desde sua origem no latim.

Para isso, inicia-se tecendo algumas considerações sobre o conceito de gramática, que na realidade não é único, mas plural, dependendo da perspectiva de análise e de como se concebe o discurso gramatical. E, para compreender o pensamento do autor e suas convicções teóricas, fundamentadas na doutrina neogramática, apresenta-se a sua biografia, o contexto histórico brasileiro em que ele se formou e uma breve exposição a respeito dos neogramáticos. Em seguida, faz-se uma apresentação do que o autor considera sobre as leis

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Sueli de Aguiar. E-mail: analourdesd@hotmail.com

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica*.

fonéticas e os metaplasmos. Para ele, essas leis são princípios fonéticos constantes que governam a mudança dos vocábulos. A língua portuguesa, em sua evolução diacrônica, foi regida por três leis, a saber: lei do menor esforço, lei da permanência da consoante inicial e a lei da persistência da sílaba tônica. Quanto aos metaplasmos, são modificações fonéticas que as palavras sofrem no processo natural de mudança.

Ismael de Lima Coutinho foi um grande estudioso do grego, do latim e da língua portuguesa, sendo professor dessas línguas desde muito jovem até a sua morte. A obra *Gramática Histórica*, inicialmente, foi lançada em fascículo com o nome de *Pontos de Gramática Histórica*, em 1938.

Essa gramática esteve por muito tempo em evidência, tendo várias edições lançadas em vida do autor e outras tantas póstumas, em um momento em que o estudo das línguas numa perspectiva histórico-comparativa já não estava mais em voga. Esse fato foi devido às novas teorias que marcaram a linguística moderna após a publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916, (1970). Entretanto, essa obra foi e continua sendo referência para os estudos históricos da língua portuguesa.

### **Conceitos de gramática**

Para conceituar gramática é necessário, primeiramente, entender que não há um único conceito, visto que este é polissêmico. Ele depende da perspectiva analítica adotada para o que está sendo considerado, em uma perspectiva conceitual e depois histórica. Diante disso, segue uma breve abordagem das várias perspectivas do conceito de gramática.

De acordo com Silva (2006, p. 02), a gramática, na perspectiva conceitual, em termos específicos, pode ser definida como um sistema geral que organiza a língua, mas também pode ser a ciência que estuda os sistemas dessa mesma língua.

Já na perspectiva histórica envolve uma variedade de acepções. A princípio, a gramática confundiu-se com a lógica. Entretanto, desvincula-se desta para definir seu próprio território no campo dos conhecimentos humanos, adquirindo estatuto de ciência autônoma. A partir desse momento, incluem-se em seus domínios os estudos das três vertentes fundamentais da linguística estruturalista: a fonético-fonológica, a morfossintática e a semântica.

Do ponto de vista cronológico, a gramática pode ser diacrônica ou sincrônica conforme o escopo das preocupações linguísticas adotadas para a exposição dos fenômenos da linguagem verbal. É no âmbito da diacronia que se fixa à gramática histórica e a comparativa que se desenvolveram a partir do século XIX. Gramática histórica é definida como sendo a apresentação sistemática da história interna de uma língua, enquanto que a comparativa seria a aplicação sistemática do comparatismo a uma família linguística, restrita ou lata (CAMARA JR., 1984, p. 130).

Outro critério a considerar na definição de gramática é o teórico. Esse surge da inserção da gramática nos domínios da sincronia. Assim sendo, pode-se dizer que existem a gramática geral e a gramática específica. O estudo dos princípios linguísticos é feito pela gramática geral, enquanto que a específica trata de um sistema organizado de fatos linguísticos de um determinado idioma, a qual busca expor tudo o que especificamente lhe diz respeito. É dentro dos limites da gramática específica que se pode refinar ainda mais a definição de gramática utilizando um terceiro critério, o metodológico. Segundo tal critério, pode-se depreender mais dois tipos de gramáticas, a descritiva e a normativa.

Considerando o breve exposto a respeito do conceito de gramática, situa-se a Gramática Histórica de Ismael de Lima Coutinho no âmbito da diacronia, área em que estão inseridas todas as gramáticas históricas e comparativas. Esses dois conceitos de gramática tiveram maior notoriedade a partir de meados do século XIX com o reconhecimento das teorias positivistas dos neogramáticos.

Coutinho (1976, p.13) conceitua gramática histórica “como a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo desde a origem até a época atual”. Para ele o objeto da gramática histórica é mais amplo do que da Gramática Expositiva, Descritiva ou Prática, pois, enquanto esta estuda o estado atual das línguas, aquela, busca no passado às origens. Ela vai ao período de formação para explicar as transformações que essa mesma língua passou em sua evolução através do espaço e do tempo.

Essas transformações não são obras do acaso ou resultam de modismo ou caprichos dos falantes, mas obedecem a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos. E, a partir da observação da persistência e da regularidade das mudanças que os gramáticos formularam os princípios e leis. Estes, por outro lado, formam o objeto de estudo da gramática histórica.

Coutinho (1976, p.13) assegura ainda que, entre a gramática histórica e a gramática descritiva existe uma relação de natureza íntima em que elas complementam uma a outra. O que a gramática descritiva apresenta como exceção ou irregularidade, a gramática histórica explica com base em leis e princípios.

É importante ressaltar que a partir de 1930 instaura-se um novo período de estudos da língua portuguesa que leva a novos rumos a produção de gramáticas no cenário brasileiro e se estende até por volta da década de 1960. Esse período é considerado de transição, visto que se caracteriza por uma abordagem histórico-comparativa da fase anterior e por uma futura perspectiva estruturalista.

A característica que marca essa fase é o paulatino abandono da teoria positivista que orientou o comparatismo histórico, mas também a assimilação parcial das propostas estruturalistas já pronunciadas nos estudos linguísticos no Brasil a partir da década de 40. Ao verificar a data de publicação da primeira edição de *Pontos de Gramática Histórica*, atualmente *Gramática Histórica*, de Coutinho, percebe-se que ela está situada nesse contexto.

### **Considerações acerca do autor**

Ismael de Lima Coutinho nasceu em 12 de maio de 1900, em Santo Antônio de Pádua, no estado do Rio de Janeiro. Filho de José Coutinho de Carvalho e Amélia Mascarenhas de Lima Coutinho. Seu pai foi um modesto comerciante de secos e molhados, mais tarde tornou-se dono de padaria. Coutinho, ainda muito jovem, começou a dedicar-se aos estudos de vários idiomas, principalmente o grego e latim. Bacharelou-se em direito (CONTI, 2007).

Foi grande humanista, filólogo e educador. O autor iniciou-se no magistério no Colégio em Campos dos Goytacazes e depois passa a lecionar no Liceu Nilo Peçanha, em Niterói, ocupando a cadeira de Português/Literatura. Lecionou também, durante muito tempo, português, latim e grego, nos Colégios Brasil e Bitencourt Silva.

Com um grupo de educadores, fundou em Niterói o Instituto de Humanidades, hoje denominado Instituto Gay Lussac. Juntamente com Durval Batista Pereira, em 1947, fundou a Faculdade Fluminense de Filosofia, sendo seu primeiro diretor. Nessa Faculdade lecionou por 18 anos consecutivos Língua e Literatura Latina. Ele exerceu também funções político-administrativas e técnicas, tais como: secretário de Educação e Cultura do Estado do

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica*.

Rio de Janeiro, membro da Comissão do Livro Didático do Ministério da Educação e Presidente do Conselho Estadual de Educação.

Ismael de Lima Coutinho pertenceu a Academia Fluminense de Letras, Academia Fluminense de Filologia e a Sociedade Brasileira de Romanistas. Deixou publicado *Pontos de Gramática Histórica* que, a partir da 4ª. edição, passa a ser chamada Gramática Histórica. Essa obra foi publicada primeiramente em fascículos e teve cinco edições em vida do autor, a 1ª. em 1938, 2ª. em 1941, 3ª. em 1954, a 4ª. em 1958 e 5ª. em 1962, a partir dessa data as edições são póstumas.

Coutinho lançou dois livros em 1928, *O problema da Crase* e a sua tese para a cadeira de português do Liceu de Humanidades de Campos. Ele escreveu também, em 1954, *Os Estudos Gramaticais*, que consistia em sugestões metodológicas para o ensino de Língua Portuguesa. O autor prefaciou a *Bíblia Medieval Portuguesa* de Serafim da Silva Neto, também os livros *O modernismo Brasileiro* e *A língua Portuguesa* de Luiz Carlos Lessa. Esse grande estudioso da língua portuguesa faleceu no dia 24 de julho de 1965, vítima de um acidente automobilístico em São João da Boa Vista no Estado de São Paulo.

## **Contexto histórico do início do século XX<sup>2</sup>**

Retomar ao início do século XX é repousar o olhar atentamente aos acontecimentos sociais que serviram de referência para as transformações artísticas intituladas “modernistas”.

De acordo com Abdala Junior e Campedelli (1986), as primeiras décadas do século XX tiveram as marcas da hegemonia política das elites: a república do “café com leite”, ou seja, a consolidação do Estado mais populoso (Minas Gerais) com o mais rico (São Paulo); ao mesmo tempo em que se exportavam grandes quantidades de café, desenvolvia-se o capitalismo industrial em São Paulo e a elite típica da “*belle époque*” consumiam importados parisienses, declaravam versos em francês e oferecia festas extravagantes. Esse contexto favoreceu o cultivo da literatura acadêmica.

Após a Primeira Guerra Mundial, com a urbanização, desenvolvimento comercial e industrial, intensificação da imigração, aumentou o setor de operários e a convivência de

---

<sup>2</sup> Este item foi escrito conforme as sugestões da professora de português e literatura Ladjasse Rodrigues dos Santos Viana da Diretoria Regional de Ensino de Gurupi-TO.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica*.

brancos, negros e mulatos. Essa mistura de raças fez surgir as primeiras greves operárias, em 1910, a Revolta da Chibata, levante de marinheiros contra os castigos corporais da Armada, uma pequena imprensa de protesto. Enquanto a elite assistia a operetas, o povo fazia modinhas e serenatas ao violão e dançavam o *lundu*, o *maxixe* e o *samba*.

Nesse quadro complexo, emergem ideologias conflituosas que não se adaptam mais com a visão tradicional de ver e fazer a arte. Assim, a arte academicista dá lugar à expressão da realidade brasileira, como em “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, a dura realidade dos sertanejos no interior da Bahia; Monteiro Lobato, com “Urupês”, revela a imagem do caipira no personagem de Jeca Tatu e Lima Barreto em “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, denuncia a corrupção e os preconceitos raciais.

Na sequência, vem *A Semana de Arte Moderna* (1922) que na visão de Bosi (1993) foi pouco inovadora. As obras, pontilhadas pela crítica de “neo – neoparnasianismos, neo-simbolistas, neo-românticas” – não refletiram muitas inovações. Abdala Junior e Campedelli (1986, p.180) divergem daquele dizendo que “a semana teve significado artístico e não apenas um registro histórico, pelo surgimento de uma literatura social mais problematizadora (...)”.

Apesar disso, a partir de 1922 escritores como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, o próprio Monteiro Lobato, tinham o desejo de se libertar das amarras formalistas da “gramatiquice”, da arte produzida em favor da elite para buscar uma linguagem simples, direta, fazer ressurgir personagens marginalizados que representavam verdadeiramente as carências do Brasil.

A partir de 1920 nosso país começou a viver outro estilo de vida. As importações não eram apenas da Europa, os produtos norte-americanos já se faziam presentes aqui. A música popular começa a se adaptar com o jazz, enquanto Villa-Lobos (1887-1959) mostra a música dele na França. Em 1929 a queda da bolsa de Nova Iorque põe em turbulência vários países inclusive o Brasil: uma grande perda com a crise nas exportações de café.

De 1930 a 1945, Getúlio Vargas assume o poder com uma política conservadora,

Se Vargas impôs o Estado Novo, a literatura da década de 30 não deixou, em oposição, de registrar o novo estado das coisas com uma produção de nível superior (...) amadureceu neste período histórico, para emergir com grande criatividade em meados da década de 40, com Clarice Lispector, Guimarães Rosa e João Cabral. (ABDALA JUNIOR; CAMPEDELLI, 1986, p. 196).

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica*.

Percebe-se então, que o amadurecimento literário adquirido na produção dos autores da década de 30 representa a consciência das rupturas encontradas em Lima Barreto, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato. O que fez desse momento algo consciente, com características regionais cada vez mais marcantes como em Graciliano Ramos que já não se preocupava em romper com nada, entretanto, demonstrava sua regularidade num estilo que não podia ser dissociado da vida agreste, dura do sertão.

Portanto, relembrar alguns acontecimentos sociais que compreenderam o Brasil de 1900 a 1940 é acima de tudo explicitar o desejo de relacionar partes históricas com o desenvolvimento artístico-literário e observar o renovar da linguagem que ora vem no “falar gostoso do povo”, Manuel Bandeira, ora tecida e reinventada nos livros.

É neste contexto que se formou Ismael de Lima Coutinho. Ele fez parte dessa geração conturbada entre as teorias novas e velhas, entre modernismo e tradicionalismo, com um olhar no passado, mas também, não deixando de registrar o presente. Percebem-se no autor estas marcas profundas do conflito entre ser tradicional ou moderno, características de fases de transição. Ao mesmo tempo em que se posiciona adepto das teorias neogramáticas surgidas a partir da segunda metade do século XIX, não deixou de abordar na sua gramática histórica, mesmo de forma sucinta, as teorias estruturalistas que já se entrevia nos estudos linguísticos no Brasil.

### **Os neogramáticos**

A segunda metade do século XIX ficou conhecida, no âmbito da linguística, como a época dos neogramáticos, um grupo de linguistas da Universidade de Leipzig que tentaram introduzir na Linguística Histórica princípios positivistas que vigoravam na época nas ciências e na filosofia. Os nomes mais representativos são os de Brugmann, Leskien e Osthoff. No início eram chamados dessa forma por escárnio, porém, com o passar do tempo “os neogramáticos ganharam espaço no universo acadêmico da época propugnando um programa que afrontava ostensivamente as orientações comparativistas vigentes (ILARI, 2006, p.19)”.

É de costume apontar o ano de 1878 como a data inicial do movimento neogramático. Nesse ano foi publicado o primeiro número da revista *morphologischen Untersuchungen* (Investigações morfológicas) criado por Hermann Osthoff (1847-1909) e

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica*.

Karl Brugmann (1849-1919). No prefácio dessa revista, assinado pelos autores, é considerado como o manifesto neogramático.

De acordo com Todorov e Ducrot (1997, p. 23), para os neogramáticos, a Linguística Histórica deveria ser explicativa, não se contentar com a constatação e descrição das mudanças, mas descobrir também as causas. E a explicação deveria ser positivista. As únicas causas verificáveis seriam procuradas na atividade dos sujeitos falantes, que ao falar uma língua, transformam-na. Para ter sucesso na pesquisa das causas é necessário estudar de preferência as mudanças que se estendem sobre um tempo limitado. Em vez de comparar estado de línguas muito distantes, toma como objeto de estudo a passagem de um estado ao outro seguinte.

O primeiro tipo de causa a ser estudada seria a de ordem articulatória. É o caso das “leis fonéticas” que, efetivamente, são passíveis de serem explicadas fisiologicamente. Devido a isso, sua ação é absolutamente mecânica (cega), a mudança operada em determinado estado, afeta todas as palavras, sem exceções, independentes da sua situação semântica ou gramatical própria. Em comparação aos gramáticos comparativistas, os neogramáticos inovaram esse conceito. Para estes, as exceções que apareciam eram analisadas como indícios de uma lei ainda não conhecida.

A causa psicológica seria de segundo tipo. Essa causa pode ser explicada pela tendência à analogia baseada nas leis de associação de ideias. Os falantes tendem agrupar palavras e frases em classes cujos elementos se assemelham tanto pelo som quanto pelo sentido. Assim, criam palavras que podem enriquecer tais classes.

O rigor e a objetividade a que estava sujeita a descrição sistemática das línguas permitiu fixar, nessa época, o surgimento da linguística como ciência. A partir desse momento, iniciam-se as investigações sobre a evolução da língua portuguesa, utilizando o método da gramática histórica e comparativa nas línguas românicas. Por isso, na primeira metade do século XIX, tendo como modelo as obras dos neogramáticos e a importância que eles davam às modificações fonéticas, surgem as gramáticas históricas do português de autores como José Joaquim Nunes, Edwin Williams, J. Huber, e os trabalhos de filologia de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e de José Leite de Vasconcelos. Além de Epifânio da Silva Dias, no âmbito da sintaxe histórica.

### **Apontamento referente às Leis Fonéticas**

As leis fonéticas, em Coutinho (1976, p. 135), são princípios que governam as evoluções dos vocábulos. Elas diferem das leis naturais, visto que estas são universais e eternas, enquanto aquelas são condicionadas ao tempo e ao espaço. No entanto, faz uma ressalva, em nota de rodapé, que a existência das leis fonéticas é contestada pelos linguistas modernos.

Ao ponderar a respeito das modificações das palavras, o autor observa que os fonemas se alteram do mesmo modo sempre que se encontra em ambiente e circunstância semelhantes. Desse contexto resulta o caráter de constância e inflexibilidade das leis fonéticas.

Os antigos gramáticos não compartilhavam dessa opinião. Para eles, as leis fonéticas não passavam de tendências mais ou menos pronunciadas, pelas quais se podiam explicar alguns fatos, mas não todos. Os fatos linguísticos que não podiam ser explicados eram considerados exceções. Aos neogramáticos, competiu a tarefa de sustentar o conceito de que as leis fonéticas são princípios absolutos, cujo rigor científico pode ser facilmente observado.

Para os neogramáticos, exceções, no verdadeiro uso termo, não existiam. Os casos de mudanças em desacordo com as leis fonéticas teriam duas explicações: ou foram submetidos à ação de uma lei ainda não conhecida, ou poderia ser em consequência da ação da analogia. Em outras palavras, as razões das discordâncias de alguns exemplos são em decorrência do instinto imitativo do homem, que faz desviar alguns vocábulos do seu ciclo natural de evolução por analogia a outros.

Acresce que as modificações das palavras provêm dos meios precários que os indivíduos são levados a conhecer o idioma. Ou seja, a imperfeição das imagens auditivas e a incapacidade de reproduzir fielmente os sons ouvidos provocam mudanças nas palavras. Sendo assim, a linguagem não deve ser representada por uma reta em que o ouvinte e o falante ficam nas suas extremidades. O que se percebe é uma completa descontinuidade nessa transmissão. Em razão disso, a cada geração, as mesmas tentativas são feitas para se apoderar da linguagem. Embora considere que é exagerar a atuação da criança sobre a língua quando atribui exclusivamente a elas as transformações fonéticas, o autor concorda que grande parte dessas alterações é devido à ação infantil.

Destaca ainda que, conforme a escola inglesa de Sayce, as modificações fonéticas são individuais e se generalizam por via imitativa. No entanto, Coutinho (1976) não compartilha desta opinião, uma vez que ela não se apoia na realidade dos fatos. O que se observa é que, quando uma pronúncia desvia ou afasta do que é comumente usada em determinado meio, as pessoas tendem a repudiá-la e não imitá-la. Para ele, as modificações são sempre coletivas. A ação contínua do sistema linguístico e a identidade do meio físico e social explicam a simultaneidade com que as modificações se apresentam em todas as crianças na mesma época.

As causas das inovações, sendo as mesmas para todas as crianças colocadas num lugar dado e numa dada época, nas mesmas condições sociais, climáticas, biológicas, produzem naturalmente em todas elas os mesmos efeitos (DELACROIX, 1924 *apud* COUTINHO, 1976, p. 136).

As transformações fonéticas exibem três características básicas: Elas são inconscientes, graduais e constantes. São inconscientes porque as transformações observadas nos vocábulos de uma língua são alheias à vontade do povo. As pessoas falam conforme a tendência da época em que vivem. No curso da história de uma língua, estas tendências variam, e isso pode explicar a diversidade de tratamento às vezes dado a um vocábulo.

Graduais, porque as evoluções se processam segundo a lei natural. Na maioria das vezes, quando se compara formas latinas com as atuais da língua portuguesas, frequentemente, desenvolve uma ideia errônea da evolução dos vocábulos. Isso ocorre, porque, nem sempre se estabelece todos os elos da cadeia evolutiva, com a citação das formas intermediárias, para que se veja como se processou essa evolução. Finalmente, são constantes, porque sempre que um fonema estiver em determinada circunstância, ele deve modificar-se da mesma maneira.

São três as leis fonéticas que regeram a evolução das palavras portuguesas: (i) lei do menor esforço; (ii) lei da permanência da consoante inicial; (iii) lei da permanência da sílaba tônica.

A lei do menor esforço, ou da economia fisiológica é uma lei universal, está em todos os ramos da atividade humana. Ela consiste em simplificar os processos empregados pelo homem na realização de sua obra. Como lei fonética, aplica-se no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores à articulação dos fonemas. Em obediência a essa lei ocorrem as

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica*.

modificações e quedas de fonemas. O princípio de transição em que as consoantes intervocálicas latinas surdas sonorizam-se em português, nas suas homorgânicas, e as sonoras geralmente caem, fundamenta-se nela.

Quanto à lei da permanência da consoante inicial, as evoluções das consoantes, na passagem do latim para o português, dependiam da posição em se que ocupava na palavra. As consoantes iniciais passam para o português sem se alterar, na maioria dos casos. Enquanto as mediais e finais estão sujeitas a modificações e quedas constantes. Isso ocorre devido o acento de intensidade do latim deixar em evidência a sílaba inicial da palavra. Pode também ter explicação na atenção que a sílaba inicial desperta, muitas vezes, determinando o sentido antes mesmo de ser a palavra totalmente transmitida.

No que se refere à lei da persistência da tônica, o que se pode observar nas palavras portuguesas é a permanência da acentuação tônica do latim. O acento tônico, ao ser preservado, guardou a essência da palavra que ficou ameaçada pelas transformações e quedas dos fonemas.

### **Apontamento referente aos Metaplasmos**

Coutinho (1976, p. 142) apresenta os metaplasmos como sendo as modificações fonéticas que os vocábulos sofreram ao longo da sua evolução. Essas modificações podem ser de quatro espécies. Elas podem ser motivadas pela troca, pelo acréscimo, pela supressão de fonema e ainda pela transposição de fonema ou acentuação. Assim sendo, dividem-se os metaplasmos em, a) metaplasmo por permuta; b) metaplasmo por aumento; c) metaplasmo por subtração; d) metaplasmo por transposição.

A substituição ou a troca de um fonema por outro, forma os metaplasmos por permuta. O quadro a seguir relaciona e define os processos que se inserem nessa categoria.

**Quadro 1 – relação, definição e exemplos de metaplasmos por permuta**

Metaplasmos por permuta	Definição	Exemplos
<b>Sonorização</b>	Um fonema surdo muda-se para um sonoro em sua homorgânica.	<i>acutu</i> > <i>agudo</i> , <i>profectu</i> > <i>proveito</i>
<b>Vocalização</b>	Transformação de um fonema consonantal em vocálico.	<i>factu</i> > <i>feito</i> , <i>absentia</i> > <i>ausência</i>
<b>Consonantização</b>	Contrário da vocalização, ou seja, transformação de um fonema vocálico em um consonantal.	<i>ieiunu</i> > <i>jejum</i> , <i>uagare</i> > <i>vulgar</i> .
<b>Assimilação</b>	Aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, resultado da influência que um exerce sobre o outro.	<i>persona</i> > <i>peessoa</i> (arc.) > <i>pessoa</i> , <i>persicu</i> > <i>pessicu</i> > <i>pêssego</i>
<b>Dissimilação</b>	Por existir um fonema igual ou semelhante no vocábulo, dá-se uma diversificação ou queda de um fonema.	<i>calamellu</i> > <i>caramelo</i> , <i>aratru</i> > <i>arado</i> .
<b>Nasalação ou nasalização</b>	Transformação de um fonema oral em fonema nasal	<i>mac(u)la</i> > <i>mancha</i> , <i>mi</i> (arc.) (< <i>mi por mihi</i> ) > <i>mim</i> .
<b>Desnasalação ou desnasalização</b>	Contrário do que ocorre na nasalização, o fonema que antes era nasal perde a nasalidade e torna-se oral.	<i>lūa</i> (arc.) (< <i>luna</i> ) > <i>lua</i> , <i>boa</i> (arc.) (< <i>bona</i> ) > <i>boa</i>
<b>Apofonia ou deflexão</b>	Modificação que ocorre quando uma vogal da sílaba inicial se junta a um prefixo.	<i>per</i> + <i>fāctu</i> > <i>perfectu</i> > <i>perfeito</i>
<b>Metafonia</b>	Resultado da influência que uma vogal ou semivogal exerce sobre outra anterior, modificando assim o som ou o timbre da primeira.	<i>fecī</i> > <i>fiz</i> , <i>debita</i> > <i>dívida</i>

Fonte: COUTINHO, 1976, p.143-145.

Os metaplasmos por aumento são aqueles que acrescentam fonemas à palavra. Segue o quadro com os processos que pertencem a essa classe.

**Quadro 2 – relação, definição e exemplos de metaplasmos por aumento**

Metaplasmo por aumento	Definição	Exemplos
<b>Prótese ou prótese</b>	Acréscimo de um fonema no início do vocábulo.	<i>stare</i> > <i>estar</i> , <i>scutu</i> > <i>escudo</i>
<b>Epêntese</b>	Acréscimo de um fonema no interior do vocábulo.	<i>area</i> (< <i>arena</i> ) > <i>areia</i> , <i>stella</i> > <i>estrela</i>
<b>Anaptixe ou suarabácti</b>	Um tipo de epêntese especial, que consiste em desfazer um grupo consonantal pelo acréscimo de um fonema vocálico.	* <i>fevrairo</i> (< <i>febrariu por februariu</i> ) > <i>fevereiro</i>
<b>Paragoge ou epítese</b>	Acréscimo de fonema no final do vocábulo	<i>ante</i> > <i>antes</i> , bem como <i>algures</i> , <i>alhures</i> , <i>entonces</i> (arc.)

Fonte: COUTINHO, 1976, p.146-147.

Metaplasmos por substituição são aqueles que tiram ou diminuem fonemas das palavras. Fazem parte dessa classe os processos relacionados e definidos no quadro abaixo.

**Quadro 3 - definição e exemplos de metaplasmos por substituição**

<b>Metaplasmos por substituição</b>	<b>Definição</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Aférese</b>	Perda de um fonema no início do vocábulo.	<i>inodio</i> > <i>nojo</i> , <i>inamorate</i> > <i>namorar</i>
<b>Síncope</b>	Queda de um fonema no meio de um vocábulo.	<i>manica</i> > <i>manga</i> , <i>malu</i> > <i>mau</i>
<b>Haplologia</b>	Um tipo de síncope especial que consiste na queda de uma sílaba medial por haver outra idêntica ou quase idêntica no mesmo vocábulo.	<i>idololatria</i> > <i>idolatria</i> , * <i>vendeda</i> (< <i>vendida</i> ) > <i>venda</i>
<b>Apócope</b>	Queda do fonema no fim dos vocábulos.	<i>amare</i> > <i>amar</i>
<b>Crase</b>	Processo de fusão de dois fonemas vocálicos contíguos.	<i>door</i> (arc.) (< <i>dolore</i> ) > <i>dor</i> , <i>seer</i> (arc.) (< <i>sedere</i> ) > <i>ser</i>
<b>Sinalefa ou elisão</b>	Queda de um fonema vocálico no final de uma palavra, quando outra começar também com vogal.	<i>de + intro</i> > <i>dentro</i>

Fonte: COUTINHO, 1976, p.147-148.

Metaplasmos por transposição são os que consistem na deslocação de fonema ou de acento tônico da palavra. A transposição de um fonema é chamada de metátese e pode acontecer na mesma sílaba ou entre sílabas: *semper* > *sempre*, *inter* > \**intre* (> *entre*). A transposição do acento tônico tem o nome especial de hiperbatismo. Nesta, estão incluídas a sístole e a diástole. Na primeira, ocorre a deslocação do acento tônico para a sílaba anterior como em *benção* (< *benedictione*) > *bênção*; enquanto na segunda, ocorre a deslocação do acento tônico para uma sílaba posterior: *gémitu* > *gemido*, *júdice* > *juiz*.

**Considerações Finais**

A Gramática Histórica de Ismael de Lima Coutinho é considerada uma das obras pioneiras no Brasil referente ao estudo histórico-comparativo da língua portuguesa. Conforme considerações tecidas a respeito das leis fonéticas e os metaplasmos percebe-se que esta gramática é orientada pelas doutrinas dos neogramáticos vigentes nos meados do século XIX.

Essa orientação é vista por muitos estudiosos como tradicionalista, pois, apesar do anti-historicismo que marcou os estudos linguísticos da primeira metade do século XX, influenciados pela publicação do Curso de Linguística Geral, de Saussure, 1916, Coutinho se mantém fiel à doutrina dos neogramáticos.

Contudo, ele não deixa de apresentar nesta obra, o novo enfoque das teorias linguísticas que começaram a se desenvolver no Brasil. Ou seja, as teorias de base estruturalista, todavia não se prende a elas. Essa postura considerada “tradicionalista” de Coutinho vem ao encontro da frase de Nietzsche (1887 *apud* KOERNER, 1989, p.2), “todo grande homem tem sua influência retrospectiva”. Portanto, a formação do autor de orientação historicista, sustentada no método histórico-comparativo, influenciou-o a manter-se fiel a suas convicções, visto que não alterou o caráter desta obra nas suas cinco edições publicadas ainda em vida.

A importância da Gramática Histórica de Coutinho para o estudo histórico da língua portuguesa é de inegável valor, porquanto, descreve as mudanças ocorridas na língua no decorrer da sua história, desde a sua origem no latim vulgar até a fase moderna. Nela, o autor expõe com clareza e riqueza de detalhes, a fonética e a morfologia evolutiva do português, além de apresentar capítulos esclarecedores referentes à formação das línguas românicas, bem como a formação do português do Brasil dentre outros assuntos relevantes.

Em relação ao apontamento das leis fonéticas, observa-se que a abordagem em Coutinho vai além de outros manuais de Linguística Histórica que tratam desse assunto, porque ele demonstra como esses princípios regeram a evolução da língua portuguesa desde a sua origem no latim, passando pela fase arcaica até a moderna. Quanto aos metaplasmos, apesar de pouco se falar a seu respeito nos estudos linguísticos atuais, são processos que continuam a atuar na língua, provocando alterações nos vocábulos.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B., CAMPEDELLI, S. Y. *Tempos da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

CAMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CONTI, M. S. *Discurso de posse da Doutora Matilde Slaibi Conti na Academia Niteroiense de Letras*. Mar. 2007. Disponível em [www.nagib.net/variedades\\_arigos\\_texto.asp](http://www.nagib.net/variedades_arigos_texto.asp). Acesso em 20/02/2008

COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ILARI, R. *Linguística romântica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica*.

KOERNER, E. F. K. On the problem of 'influence' in Linguistic Historiography. In: \_\_\_\_\_ . *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 31-46, 1989.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SILVA, M. A *Gramática Brasileira Novecentista: uma história*. Letra Magna. p.1-9, 2006. Disponível em [www.letramagna.com/gramatica1.pdf](http://www.letramagna.com/gramatica1.pdf). Acesso em 22/03/2008.

TODOROV, T., DUCROT, O. *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Recebido em 30/09/2015

Aprovado em 16/12/2015